

CINE-JORNAL



N.º 2 — 28 DE OUTUBRO DE 1935

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



*Rochelle
Hudson
da
Fox*

NO PRÓXIMO NÚMERO: O AMOR E O CINEMA, por MAURICE DEKOBRA

UM POUCO DE BOA HUMOR...

PAGUEI o bilhete; comprei o programa; procurei o lugar e sentei-me.

As luzes apagaram-se e começou a correr a fita; ouviu-se um murmúrio enfadonho e demorado; um jorro de luz cortou o espaço e na tela branca apareceu um corpo, como o mapa do Automóvel Club de Portugal: cheio de curvas...

— E ela... disse baixinho um menino bonito.

Era ela, a Marlène — olhos de goraz assado com batatinhas, boca de copo de vidro com vinho tinto, queixo de violinista sem violino, corpo de salchicharia rica.

Cantou com voz de garrafa de «whisky», mostrou as pernas dignas de Lamégo, deitou-nos olhares de mulher faísca, chorou, gemeu e chegou, felizmente, o intervalo.

Muitos fulanos foram arejar os cigarros; outros, sacudir o pó das calças. Eu faíci as cadeiras.

* * *

Fui à primeira fila.

— V. Ex.ª faz-me a finezinha...

— Ó meu caro senhor, por quem é... murmurou a cadeira deitando-me um terno olhar de pregos amarelos; por que é... Podia lá deixar de atendê-lo! Queira dizer...

— Está contente com a profissão?

Houve uma pausa, ou antes, umas poucas de pausas enfiadas umas nas outras. Seguiu-se a explosão:

— Julga-me feliz a aturar as velhas mais velhamente velhas que existem? Vem para aqui com 13 filhos ou 7 netos, 3 sobrinhas doidas ou 5 primos vadios. Beijam-se pegajosamente, como o chão do Rossio à tarde... E, no entanto, enquanto corre a fita, «criticam»: «Não sabem beijar. No meu tempo...»; depois: «Que beijo tão imoral... No meu tempo...»; Que impudor! Olha para êle a segurar-lhe a perna!...; «Uí!, que homem tão acanhado!»; «Que atrevido»; «Devia levá-la no colo...».

— Uma maçada!

— Não é tudo. Repreendem os filhos, dizem mal das amigas e despedem-se deixando-me... o papel de embrulhar a merenda!

Agradeçi, consolei a desolada cadeira e atastei-me trocista.

* * *

Fui à fila do meio.

— V. Ex.ª permite...

— Não por muito tempo; queira dizer.

Apeteceu-me chamar-lhe cadeira de pau carunchoso, banco de cozinha e mais insultos; mas disse-lhe somente:

— Está contente com a profissão?

— Não! Para aqui veem os «entendidos», os «snobs» — os tais que refilam sempre.

Ouvi-a: Contou-me que os maridos costumam ser pedantes e as mulheres superlativamente tolas. Se êle olha para o lado, ela diz-lhe: «Para quem estás a olhar? Eu sei bem que estás a disfarçar, para eu não perceber que te interessas por aquela loira...» e aponta o outro extremo da sala. Depois, êle pisa-lhe os mimosos calos, desviando-lhe o olhar supostamente pousado no bigode dum Ramon dos nossos... Barafuslam, dizem mal da fita, das cadeiras, dos amigos e nunca de quem o merece: dêles próprios.

Para a cadeira da última fila, há que ter mais tacto: é a dos amorosos. Ali se projectam muitos crimes, desde o vulgar casamento, ao sogricídio involuntário, com sais de arsénio.

— V. Ex.ª, minha senhora, consente que...

—...me faça perguntas? Tenha a bondade...

Puz o disco na grafonola:

— Está contente com a profissão?

— Tolerá-se... Custa um pouco aturar os namorados, estar presa por causa dêles...

— Tem outra profissão?

— Não; mas eu também namoro: tenho um banco do «bar». É de boa família, mas pobre. Porém, confiamos no futuro...

— Desejo-lhe felicidades e muitos banquinhos.

— Obrigado. Mas, continuando; estas sessões são engraçadas: êles chegam; primeiramente, estão calmos; depois, vão-se chegando, dão um encontrãozinho, agarram as mãos e misturam os pés. Juntam as cabeças e...

— E?!...; perguntei eu, sonhando escândalos.

— E chega o intervalo.

— Ah!, respirei; esperava outra coisa!...

— Após o intervalo, os factos preci-

pitam-se. Dizem segredinhos e trocam beijos à sucapa...

— Que fitas preferem?

— Nenhumas. Gostam um do outro e... saboreiam-se.

— E V. Ex.ª, quais prefere?

— Os dramas passionais e as fitas de terror. Com as fitas de cavalinhos e pum!, pum!, mexem-se muito, agarram-se e dão-me pontapés. Com as comédias francesas, despertam-me apetites...

— Porque gosta dos dramas passionais e fitas de terror?

— Porque êles levam a noite quietinhos a vêr... se conseguem trocar os lugares sem se levantarem...

Despedi-me. Vi ainda a vítreia estupidiz dum espelho brilhante e disse-lhe:

— Que pensa das mulheres? Loiras ou morenas?

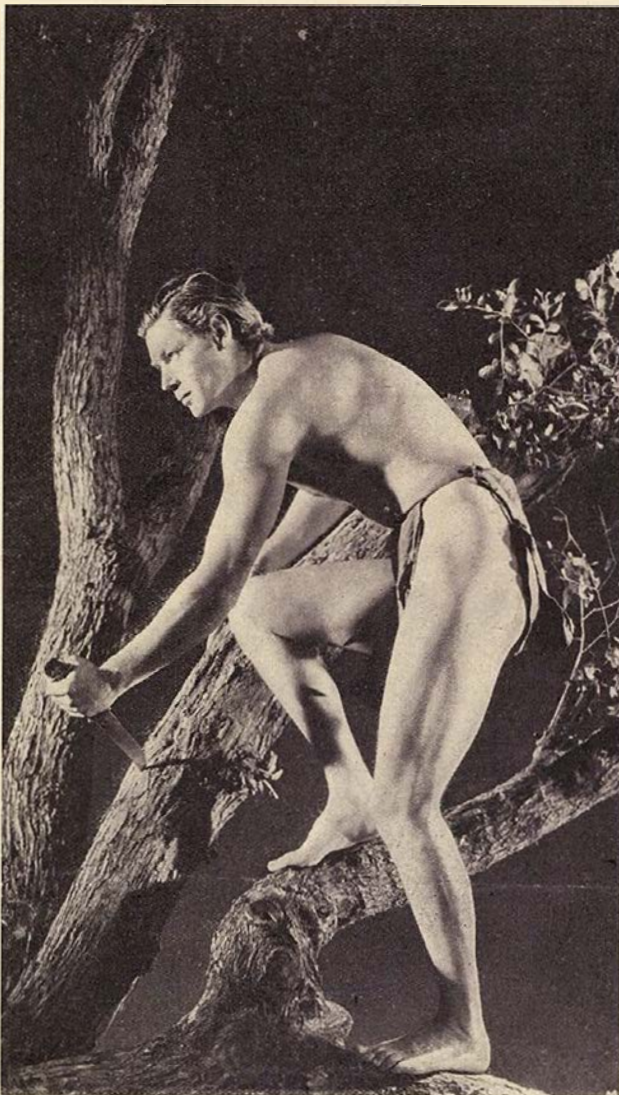
— São tôdas o mesmo!, filosofou baratamente o meu interlocutor.

Calei-me. Sentei-me no meu lugar. Ouvi de novo o sussurro enfadonho. Vi o menino bonito. Senti-me romântico e gritei, batendo as palmas:

— Mais Marlène!

E ela apareceu no quadradinho branco.

ERNESTO COCHAT OSÓRIO.



Johnny Weissmuller, no seu novo filme, «A Jaga de Tarzans». Como vêem, o artista não envelheceu, a faca não se embotou, e o traje do simpático artista não parece ter sofrido com a acção do tempo...

Os melhores filmes dos últimos cinco meses

Photoplay designa, habitualmente, dentro de cada mês, quais os filmes de maior êxito, encareando-os sob o seu duplo aspecto espectacular e artístico. Eis os resultados, nestes últimos tempos:

Junho

— *Four hours to kill*, da Paramount, com Roscoe Karns.

— *Go into your dance*, da First National, com Al Johnson.

— *Private worlds*, da Paramount, com Claudette Colbert e Charles Boyer.

— *Star of midnight*, da R. K. O., com William Powell e Ginger Rogers.

— *The vagabond Lady*, da Metro-Goldwyn-Mayer, com Evelyn Venable.

Julho

— *Break of hearts*, da R. K. O., com Charles Boyer e Katharine Hepburn.

— *G Men*, da First National, com James Cagney e Ann Dvorak.

— *The Informer*, da R. K. O., com Victor Mac Laglen.

— *Call of the wild*, da United, com Clark Gable.

— *Oil for the lamps of China*, da First National, com Pat O'Brien.

— *The Scoundrel*, da Paramount, com Martha Sleeper.

Agosto

— *In Calient*, da First National, com Dolores del Rio.

— *No more Ladies*, da Metro, com Joan Crawford e Franchot Tone.

— *Our Little Girl*, da Fox, com Shirley Temple.

— *Public Hero n.º 1*, da Metro, com Chester Morris e Lionel Barrymore.

— *Escape me Never*, da United, com Elisabeth Bergner.

Setembro

— *Becky Sharp*, da R. K. O., com Miriam Hopkins.

— *In old Kentucky*, da Fox, com Will Rogers.

— *Love me Forever*, da Columbia, com Grace Moore.

— *Page Miss Glory*, da Warner, com Marion Davies.

— *She*, da R. K. O., com Helen Gahagan.

— *The 39 steps*, da Gaumont British, com Robert Donat.

— *Anna Karenine*, da Metro, com Greta Garbo.

Outubro

— *Woman Wanted*, da Metro, com Maureen O'Sullivan.

— *Steamboat round the bend*, da Fox, com Will Rogers.

— *China Seas*, da Metro, com Jean Harlow, Wallace Beery e Clark Gable.

— *The Irish in us*, da Warner, com Mary Gordon.

— *The Farmers take a Wife*, da Fox, com Janet Gaynor.

— *Alice Adams*, da R. K. O., com Katharine Hepburn.

— *The Dark Angel*, da United Artists, com Frederick March e Merle Oberon.

— *Top Hat*, da R. K. O., com Fred Astaire e Ginger Rogers.

— *The Gay Deception*, da 20th Century-Fox, com Frances Dee e Francis Lederer.

— *She Married her Boss*, da Columbia, com Claudette Colbert.

— *Here's to romance*, da 20th Century-Fox, com Genevieve Tobin.

— *Harmony Lane*, da Mascot, com Douglass Montgomery.

**NOTÍCIAS DE
TODA A PARTE...**

renunciar. Depois, vem um filme franco... E germina neles a ideia de tirar uma desforra... Sacrificam tudo a esse sonho... E é o princípio do fim... Horas, dias, anos depois, caem, novamente, no anonimato.

Com Buster Keaton sucedeu o mesmo. O sonoro trouxe-lhe os primeiros insucessos, a contrastar com os êxitos dos últimos filmes mudos. Só conseguiu agradar em *Romeu de pijama*. Degraou a degrau, desceu a escada, que tanto lhe custara a subir. E depois duma tentativa infeliz na Europa, *O Rei dos Campos Elíseos*, acabava com o começo: a desempenhar farsas, em duas partes, para a «Educational Pictures».

Sem dinheiro, com um problema conjugal que o obsecava, sem ter coragem para seguir as pisadas de Max Linder, endoideceu!

Um colete de fôrças, um catre num hospital — eis o seu futuro!

Talvez agora — êle, o impassível — ria, ria às gargalhadas — enquanto o Mundo lamenta as desventuras do homem e a morte do artista.

Hollywood tem destas contradições!

Buster Keaton

endoideceu!

Pamplinas enlouqueceu!

As agências cinematográficas que, há muito, tinham deixado o seu nome em paz, no esquecimento, que era a consequência da sua decadência, voltaram a apregoá-lo aos quatro cantos do globo, desta vez para espalhar a nova trizse do fim torturante do homem que fez rir o mundo.

O caso de Pamplinas é, afinal, o caso

Stroheim, romancista

Paprika, o romance de Eric von Stroheim, foi, há dias, posto à venda, nos Estados Unidos. A obra é apresentada como «uma história realista, que expõe todo o sadismo inerente à sexualidade exarcebada da mulher».

Segundo se diz, Stroheim, no seu novo livro, dá ao leitor uma imagem fiel da vida, tal como ela é: «brilhante, sórdida, amarga, doce, suja, original, vil, inocente, agradável, bela, impregnada de cheiro das rosas e das cozinhas, de violetas, de gasolina e de lama». Como vêem, Stroheim tem matéria para

O livro, no entanto, parece não ter obtido aquele êxito que seria de esperar. E faz pena!

Porque Stroheim, com a sua personalidade tão fortemente marcada, e a-pesar-do seu talento, não conseguiu ainda ter um êxito comercial, que o tire da ruína e da miséria em que se encontra.

O Casamento de Joan Crawford e Franchot Tone

Joan Crawford e Franchot Tone casaram, há dias, como noticiaram os jornais. As senhoras vizinhas de Hollywood tinha razão, quando, no soalheiro dos clubes e nos camarins dos estúdios falavam na «amizade» que há muito unia os dois noivos.

Como admiradores de Joan Crawford, quanto a nós um dos mais curiosos temperamentos de Hollywood, e das mulheres mais belas do Cinema — limitamo-nos a desejar que o seu casamento com Franchot não lhe traga as desilusões que originaram a sua separação de Douglas, e que desta vez a sua felicidade seja um facto.

Quanto a Franchot, não lhe perdamos o desgosto que nos deu!...

Apri! Que é ter sorte de mais...

Peter Kelton, uma banhista que faz furor em qualquer praia.



Lotus Long a companheira de Mala, o intérprete de Esquimó, num filme que tem o seu nome

de tódas as vedetas de cinema, salvo raras excepções.

Começam com dificuldades, atingem a celebridade depois, saboreiam os seus frutos, durante um espaço de tempo variável, e caem, pouco a pouco, até ninguém mais se lembrar deles.

São raros os que se retiraram em plena glória. Enquanto sentem o Mundo na mão — acham que é sempre tempo de

Receitas dos cinemas de Nova - York

(Semana de 21 de Setembro)

	Dólares	Mínima:	
ASTOR (1.012 lugares)		<i>Elmer and Elsie</i>	10.500
<i>As Cruzadas</i> (3.ª semana - P.)	9.500		
Receita máxima de 1935:		RIVOLI (2.200 lugares)	
<i>A Casa de Rotschild</i>	23.600	<i>Dark Angel</i> (U. A.).....	28.600
Mínima:		Receita máxima de 1935:	
<i>Little Men</i>	6.000	<i>Les Misérables</i>	60.115
		Mínima:	
CAPITOL (4.700 lugares)		<i>Brewster's Millions</i>	13.400
<i>Ana Karenine</i> (2.ª semana-M. G. M.)	34.000		
Receita máxima de 1935:		RADIO-CITY (5.945 lugares)	
<i>As Virgens de Wimpole Street</i>	65.860	<i>Top Hat</i> (2.ª semana-R. K. O.)	113.500
Mínima:		Receita máxima de 1935:	
<i>The Band Plays On</i>	4.500	<i>Top Hat</i>	131.200
		Mínima:	
PALACE (2.500 lugares)		<i>Evergreen</i>	52.000
<i>Alice Adams</i> (R. K. O.).....	8.000	ROXY (6.200 lugares)	
Receita máxima de 1935:		<i>Diamond Jim</i> (Unit).....	30.000
<i>Of Human Bondage</i>	16.200	Receita máxima de 1935:	
Mínima:		<i>Diamond Jim</i>	47.000
<i>Babill</i>	6.500	Mínima:	
		<i>Affairs of a gentleman</i>	13.700
PARAMOUNT (3.700 lugares)		STRAND (3.000 lugares)	
<i>Two for to Night</i> (2.ª semana-P.)	17.000	<i>Page M'iss Glory</i> (W. B.).....	15.731
Receita máxima de 1935:		Receita máxima de 1935:	
<i>Cleopatra</i>	72.000	<i>G. Men</i>	60.138
		Mínima:	
		<i>Easy to tone</i>	9.271

Cautela com êles!

O perfeito da polícia do Estado da Califórnia publicou um edital severíssimo, com o fim de diminuir os desastres de automóvel, provocados por excesso de velocidade.

Além da multa aplicada nos carros um letreiro, para indicar aos outros automobilistas quais são os inimigos a temer...

Por êsse motivo, nas ruas de Hollywood, os transeuntes puderam ver o «Packard» de Clark Gable, com o letreiro infamante: «Transgressor das leis do trânsito! Cautela, com êles!»

Se aplicássemos a medida, entre nós?

«Ramona» pela terceira vez!

Ramona, inspirado no romance do mesmo nome, vai ser reeditado pela terceira vez.

Em 1916, Mary Pickford desempenhou-a. O filme obteve inegável êxito, porque o público tinha boa boca e Mary estava linda. Em 1929, Dolores del Río, com a cumplicidade de Warner Baxter, «apingui-nos novamente a mesma história. Quem vai agora interpretá-la, na sua primeira versão sonora e cantada?

Ramona, em 1935, nestes tempos de crise!?!...



Carta do Porto

prensa de todo o mundo se tem referido eloquiosamente, pela sua garra especial e pelas tão apregoadas faculdades interpretativas.

Trata-se de Katharine Hepburn, que, de há semanas, é o assunto obrigatório das discussões nos cenáculos cinéfilos.

Este caso, na verdade pouco vulgar, define o incontestável interesse de certos espectadores, que se reflecte no público em geral, pelos assuntos de cinema, o que até ainda há muito pouco se não verificava, pelo menos com esta característica.

Qualquer que seja a opinião que o público forme depois de apreciar a discutida Katharine Hepburn, a verdade é que ainda nenhuma artista logrou tanto interesse, antes de ser apresentada, como esta «estrêla» que, a-pesar de feia — se os fotógrafos mais uma vez não nos enganam — suscitou uma tão grande curiosidade em volta do seu nome.

CARLOS MOREIRA.

NÃO estamos, positivamente, numa semana feliz — esta em que escrevo — quanto à excelência das produções exibidas nos nossos cinemas.

É facto que os filmes que o Porto vê esta semana, conquanto não possam usar, honestamente, o pomposo título de super-produções, possuem, pelo menos, méritos técnicos, qualidades filmicas, muito de apreciar. Mas, o público, o grande, embora juiz nem sempre justo, habituou-se às grandes realizações, criou ídolos de incontestável valor, e orientado pela heróica teimosia — de bem servir o leitor — da imprensa cinematográfica, já vai tendo da arte umas noções que lhe permite ajuizar, de largo, o valor das obras que lhe apresentam, pelo que as suas exigências se multiplicam.

Se juntarmos a este factor o pretenciosismo crítico de todo o português, que, com mais ou menos conhecimentos, tudo cépticamente discute, e apenas se curva perante as obras de incontestável superioridade, encontramos as razões de alguma falta de interesse pelos filmes exibidos agora.

Sem que isto constitua, no entanto, quebra do grande entusiasmo público, com que a presente época foi inaugurada, esboça, pelo menos, o panorama da semana.

Os cinemas dos bairros

Enquanto em Lisboa, como em todas as capitais, de há muito existem inúmeros cinemas nos seus bairros excéntricos, de curiosas características populares, e que têm o condão de facilitar e divulgar o ambiente do espectáculo cinematográfico, aumentando assim o número de apreciadores da arte, o Porto só há muito poucos anos começou a tê-los.

Presentemente, funcionam já nesta cidade cinco dessas casas e, se algumas se têm dedicado apenas aos espectáculos ao ar livre, tudo leva a crer que o seu âmbito de acção se desenvolverá num futuro muito próximo, não só para corresponder às exigências, sempre crescentes, da população, mas, porque tudo indica que os resultados financeiros dessas explorações, têm sido satisfatórios.

E nada há mais simpático do que facilitar, às populações dos inúmeros centros fabris desta cidade, o espectáculo predilecto e a preços acessíveis, além de eliminar a despesa da deslocação.

Documentários portugueses

Continua a não ser indiferente às plateias do Porto a insuficiência artística dos documentários nacionais, problema que, a despeito das inúmeras e louváveis sugestões apresentadas na Imprensa, persiste lamentavelmente insolúvel.

Já não é resume o facto à obrigatoriedade de assistirmos à exibição de cem metros de nulo interesse, o que, aliás, é importantíssimo, mas, ainda, às suas desagradáveis consequências.

Sabido que certo público de antemão com a categoria desses documentários, que se convencionou fossem a abertura dos espectáculos de cinema, para não ter o que classifica de maçada, resolve entrar nas salas depois de iniciada a projecção, obrigando os espectadores que preferem estar à hora inicial a aborrecidas impertinências.

...E o mal continuará sem solução, até que uma milagrosa ideia ou uma salvadora iniciativa nos livre da dupla contrariedade.

A espera duma estrela

Entre os cinéfilos desta cidade, que formam já uma apreciável legião, há um ansioso interesse em apreciar uma «estrêla» a que a Im-

SE a bela realização de Mamoulian, «Resurreições», não esteve mais que uma semana no Tivoli, foi certamente porque compromissos tomados obstaram a que ela continuasse a ser oferecida ao bom gosto do público de Lisboa.

Não é de aceitar outra hipótese, pois que o argumento, a realização e a interpretação, concorreram, dentro dum equilíbrio sempre difícil de manter, para que aquele filme constituísse um admirável espectáculo de arte.

Por «equilíbrio» se quer significar que a boa técnica do realizador não relegou para segundo plano os intérpretes, e estes, por seu turno, não atraíram o pensamento de Tolstói.

E mais uma vez se evidencia a brilhante «forma» actual da produção americana. Tempo houve, na verdade, em que o progresso material dos estúdios na América deixava a perder de vista o precioso concurso da inteligência e do coração, que não era

Crónica da Semana

possível ir buscar a uma boa organização do trabalho ou ao aperfeiçoamento da máquina. Temos a excepção de Charlot a confirmar a regra.

Mas, diagnosticado o mal, recorreu-se à Europa, sem constrangimento ou vaidade ferida, e esta soube fornecer uma pleiade de bons realizadores, senão desempregados, pelo menos mal empregados em organizações deficientes, onde o são critério fazia ainda mais falta que propriamente o dinheiro.

* * *

Quem viu, pela primeira vez, Anna Sten na «Nånå», não ficou a conhecer esse verdadeiro temperamento artístico; quando muito, apenas ponde apreciar a sua beleza.

Zola também foi, ao que parece, bastante maltratado, mas a sorte desse realista romântico que, na frase forte de Daudet, deve ser lido com as mãos no chão, não pode ser agora aqui debatida.

Na «Resurreições», Anna Sten é muito mais que mulher bonita: é uma grande actriz. Alongarmo-nos a descrever como ela incarnou a «Katuksa» do romance, seria já fazer crítica, e mesmo que de crítica se tratasse, quantas coisas ficariam por dizer, na impossibilidade de desenrolar o filme, aos olhos de todos, da primeira à última cena!

Nascida em Kiew, de mãe sueca e pai russo, ela parece ter a alma insondável dos eslavos aliada à simplicidade desconcertante e sábia das filhas do Norte.

Importa muito a secundária do artista, o sangue que lhe corre nas veias, o ambiente de fatalidade ou de felicidade que o rodeia. Isso explica muitas vezes a maneira de interpretar ou de criar, a personalidade, enfim.

Esta curiosidade nada tem com essa outra, mesquinha, de se querer saber o que a actriz X comepeia amanhã, ou qual é o último «flirt» (chamemo-lhe assim), da actriz Y.

* * *

A respeito ainda do filme em questão, não vem fora de propósito discorrer um pouco sobre o lugar comum, que entre nós assentou arraiais, de que não vale a pena ver enredos tristes, quando o dia-a-dia, já por si, não contribui muito para se andar «com a carinha na água».

Esta meia-verdade, como todas do seu género, predispõe à confusão.

Há, com efeito, que distinguir. Os dramas, chamados de fada e alguidar, que noutros tempos se architectavam para quebrar a monotonia sorna da vida de então, terão hoje bem poucos apreciadores. Mas a divisão de filmes em alegres e tristes é por demais rudimentar.

Se uma produção, que se propõe ser cómica, faz rir somente pelo disparate das situações (Irmãos Marx), tanto monta rimos vê-la como pedirmos a alguém de família que nos faça cócegas debaixo do braço.

Se um filme nos comove realmente, é que houve qualquer coisa no nosso espírito que se mostrou sensível à dor dos outros, e quando da nossa própria se tratasse — acordada por qualquer semelhança de situações —, não achamos razão para voltarmos a cara para o lado. Porque, no primeiro caso, revelamo-nos a nós próprios melhor do que nos supunhamos, e, no outro, há a curiosa observação de que não fomos os primeiros, nem seremos os últimos, a representar na vida real as mesmas humaníssimas cenas, que o mesmo é reconhecer que o filme que se viu não era de bonecos animados — sem desprimor.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES.



O Cinema e a Música

As opiniões corajosas e desasombradas de Afonso Correia Leite, o grande compositor português que vai musicar «Bocage»

TODOS os que por aí assobiaram, desenfreadamente, a «Marlène» e que recordam, com saudade, a grande criação de Irene nesse número, talvez não saibam que se deve à inspiração de Afonso Correia Leite, um novo com carradas de talento, que não segue o exemplo de muitos, que valem menos do que ele, e se intitulam, pomposamente, de «maestros».

Afonso Correia Leite, rapaz modesto, que trabalha pouco talvez porque prefere trabalhar bem, é um compositor moderno, que se não aborda aquele género a que se convencionou chamar popular, trabalha, em compensação, num género que nos evita que aproveitemos, para teatro ou cinema, músicas de compositores estrangeiros.

A estreia de Afonso Correia Leite, com a

inesquecível música da «Marlène», fê-lo tomar, de momento, um lugar na primeira fila dos nossos compositores de teatro. A essa, outras se seguiram. Números de revista, incluídos em peças populares, mas essencialmente civilizados, músicas de pessoalíssimo recorte.

Um belo dia o Cinema, que, em Portugal, por não ter a necessária organização, continua, e muito bem, a ir buscar gente ao Teatro, chamou-o a si, e entregou-lhe alguns números das «Pupilas». E, mais uma vez, o talento do jovem compositor foi posto à prova, e mais uma vez brilhantemente dela se saiu.

Muito, em nosso entender, têm o Cinema

(Continua na página 14)

NOS domínios do Cinema não há impossíveis. Os mais estranhos paradoxos encadeiam-se ininterruptamente; os factos mais inesperados, sucedem-se num ritmo impressionante; o que é hoje realidade é amanhã ficção — a glória e a fortuna alternam constantemente com a miséria e a decadência, num «chassez-croisé» que nunca se detém.

Há celebridades que se fazem dum dia para o outro, e divindades que caem dos seus altares — quando menos se espera.

O caso de Max Baer é flagrante — e vale a pena contar-se...

Carniceiro em Liverpool

Começou por ser carnicheiro em Liverpool. Um belo dia, descobriu que as suas ambições não eram compatíveis com o mister que desempenhava.

Fêz-se «boxeur», disposto a tentar a sorte. Como era natural, a princípio levou tareia de criar bicho... Mas depressa se refez. Aprendeu a bater. Treinou-se duramente. Agredia-se violentamente, a si próprio, para se habituar a encaixar os mais duros golpes, sem se



gue a orlas, dignas de Sodoma e Gomorra, nas vésperas do seu combate com o gigante italiano Primo Carnera, Baer ia sossobrar.

Mas o campeão americano viu, a tempo, a sorte que o esperava. Retirou-se para as montanhas. Treinou-se. Absteve-se do álcool. Isolou-se. E a confiança renasceu no seu espírito...

Luta de ferros.

Centenas de milhares de pessoas assistiram a esta luta de gigantes. Carnera pesava mais 30 quilos do que Baer. As mulheres constituíam o grosso da assistência. Em delírio, incitavam-no com os seus gritos!

O que se passou é indescritível. A ferocidade de Baer, assegurada a vilória, atingiu limites intransponíveis. Para que as suas admiradoras atingissem o rubro do entusiasmo, entreteve-se a massacar o gigante italiano. Atirou-lhe golpes à cara, para que o vissem sangrar. Deixou-lhe o corpo cheio de equimoses e a cara um bôlo. A sua atitude no «ring», em face do adversário, excede tudo. Foi antipático, duro,

AS GLÓRIAS E AS DESVENTURAS DE MAX BAER

ressentir. Partiu a cima do nariz, como todos os pugilistas que se prezam...

Aos 19 anos, começou a pisar o «ring». A sua primeira vitória, trouxe-lhe a primeira conquista. E, daí em diante, as mulheres andaram sempre ligadas à sua carreira de «boxeur» célebre.

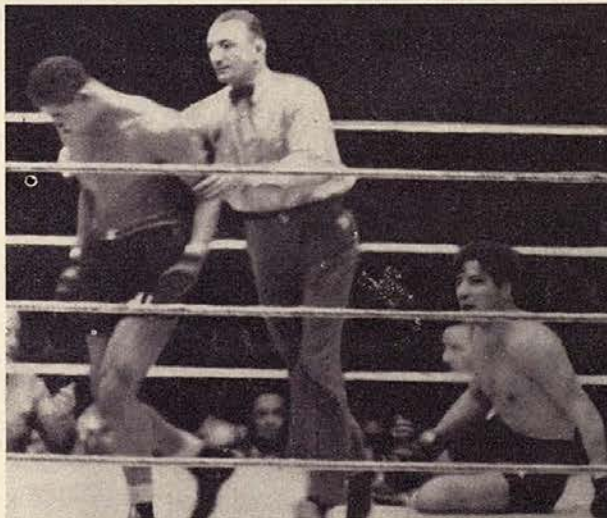
As mulheres e o ídolo...

Jack Dempsey viu-o combater com Paolino, no Reno. Profetizou-lhe um futuro brilhantíssimo. Levou-o para Hollywood, já aureolado pela glória de batalhas sucessivas.

Como todos sabem, o ideal duma rapariga portuguesa é um rapaz «formado», isto é, um advogado ou um médico. Mas o ideal das raparigas americanas é bem diferente. Para elas, não há homens que valham um «boxeur» ou um campeão de «base-ball».

Max Baer era «boxeur» e... um bonito rapaz.

As mulheres cercaram-no, como borboletas atraídas pela luz. Baer perdeu a cabeça. Envaideceu-se. Tornou-se insuportável. Teve a ousadia de enviar um cartão a Norma Shearer, a marcar-lhe um «rendez-vous» — brincadeira essa que lhe ia saintto cara...



insultuoso e deshumano para com o adversário vencido.

Mas a América ficou a seus pés. Conquistou-a à força do seus músculos — pela polência dos seus «punchs»...

O reverso da medalha.

Fiado na sua força invencível, inchado cada vez mais por uma vaidade insensata, entregou-se, completamente, a uma vida desregrada. Foi o enocura mais entusiasta de Hollywood. A pacata Cidade do Filme acordou, altas horas da noite, com os escândalos que Max provocou. As mulheres rolaram pelos seus braços, deslumhradas pela glória do ídolo.

O seu combate com Braddock foi um desastre. Mas Baer tomou-o como um incidente. E dispôs-se a combater Joe Louis, o negro formidável, hoje célebre em todo o mundo.

Como pugilista, a actuação do campeão americano foi miserável. Sucedeu-lhe o mesmo que a Carnera. O adversário «pulverizou-o». Joe Louis foi cruel também. Não se contentou em derrotar Max Baer. Quis marcar-lhe no rosto, como êle outrora fizera a Carnera, os estigmas da derrota. A estrela

COMO O CINEMA EXALTA UM ÍDolo E DEPRIME UM VENCIDO

Ganhava rios de dinheiro. Mas gastava-o todo com as mulheres, em processos sensacionais e escandalosos, sobre promessas de casamento não cumpridas, paternidades ilegítimas, etc.

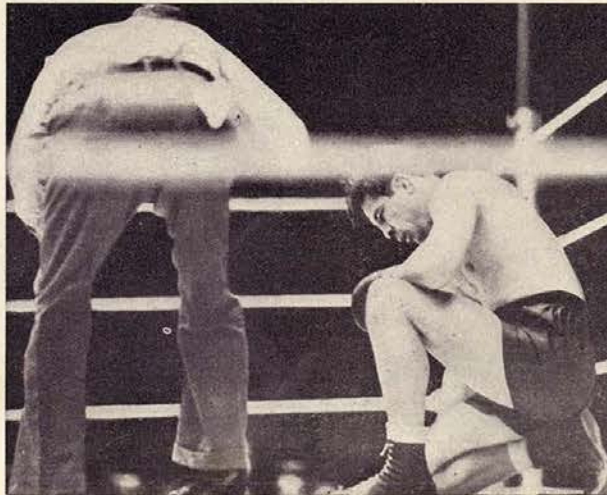
Deslumbrado, não atendia a nada. Fêz-se noivo de June Knight na noite do seu combate com Schmelling. Casou com Dorothy Dumbar após o «match» com Paolino. E, esta, cançada de alurar os seus desvarios amorosos com as outras, abandonou-o, logo a seguir!

O cinema, cartaz da sua glória

O cinema nunca o perdeu de vista. Os «matels» que travou com Schmelling e Paolino foram reproduzidos em todos os pormenores. Plateias ansiosas, emocionadas, assistiram, em todo o mundo, às suas fulminantes vitórias.

A Metro viu nele uma vedeta. Deu-lhe Myrna Loy, como parceira, e Van Dyke como realizador. E o filme fêz-se. As mulheres e o ídolo elevaram-no aos pináculos da fama. O seu correio decuplicou-se. As mulheres disputaram-no.

E Ancil Hoffman, à data o seu «manager», pôs as mãos na cabeça. Entre-



do campeão americano deixou de brilhar. A sua derrota miserável, por «knock-out», tornado um farrapo humano, ao fim de quatro «rounds», marca, definitivamente, o fim da sua carreira, baldio irremissivelmente — por um negro!

A crueldade do cinema

O mais triste de tudo isto é que o Cinema que, até há pouco, apregou a sua glória imensa, e popularizou a sua figura de triunfador, anda agora a mostrar, por toda a parte, a dura derrota que sofreu.

Cinco câmaras filmaram continuamente o combate. Captaram em todos os pormenores o espectáculo triste da sua decadência. Eis um golpe cruel para a sua vaidade!

E o mais triste de tudo isto é que as mesmas mulheres que o adularam, que o enlouqueceram, assistiram agora ao desolador espectáculo da sua derrota, com os olhos brilhantes de entusiasmo — pela vitória de Joe Louis, o negro apolíneo, o novo ídolo que desponta.



AO subir o pacatíssimo e pretençioso Chiado encontrei-me, frente a frente, com um amigo que partira, há meses, para a América. O meu espírito de *globe-trotter* quis saber coisas, e a minha memória fez-me recordar os livros sobre os Estados Unidos, de Paul Morand e do ainda português John dos Passos.

Imediatamente desfechei a primeira pergunta, e imediatamente obti a seguinte resposta: «Não conto nada; mas, se quiseres, posso deixar-te ler umas notas que rabisquei a bordo, para ter a ilusão de que o sonho continuava».

Por esses apontamentos, escritos à tã—sem a mínima ideia de virem a ser publicados—descobri que o meu amigo fora a Hollywood. Depois, com a mesma simplicidade com que ele resolveu não me contar a viagem, decidi publicar algumas dessas notas.

Este artigo é, portanto, um sonho, e além disto, é a primeira e possivelmente a única coisa publicada pelo autor.

* * *

Hollywood é, cem por cento, cinema. A cidade aumenta, prolongando indefinidamente as suas avenidas; coilha-as de vivendas ajardinadas e tão convidativas, que nem muros possuem.

O aumentar da cidade parece o desenrolar duma «bobina».

* * *

O cinema é o espectáculo do imprevisito. Assim é a cidade do cinema. De repente, ficamos absortos ao depararmos uma enorme cruz luminosa, que nos parece suspensa da abóbada celeste, indica o «Pilgrimage Play». É ali, no «Hollywood Bowl», o teatro ao ar livre, que, nas noites de verão, se representa a «Vida de Cristo». O espectáculo está americanizado. Surpreende-nos, não pelo ambiente espiritual, mas sim pela grandeza espectacular — efeitos de luz, quantidade de personagens, cânticos, cânticos, música...

Há uma mistura curiosa de pagão e religioso, de fé e de heresia. O espectáculo não é imponente, mas é grandioso — talqualmente os filmes de Cecil B. de Mille. Não nos enternece, deslumbram-nos.

Sou meridional.

* * *

Hollywood é uma cidade sem alma. Tudo é representado, até a própria Vida. Vive-se de atitude, de exhibicionismo, de deslumbramento, de escândalo. Não se vive a nossa

vida, vivem-se os escândalos da vida dos outros.

* * *

Também não existe a noção da velocidade normal. Tudo anda em excesso. Tudo passa em vertigem. Até a fama dos seus ídolos.

* * *

Em Hollywood tudo é desproporcionado. A glória, a fama, a riqueza, o êxito...

* * *

As religiões em Hollywood são tão diversas como a nacionalidade dos seus artistas. Por vezes a profissão dos devotos não é a mais favorável para o bom cumprimento das leis divinas. Assim, o director da Função Marco and C.º, a maior escola de «girls» de Hollywood, a escola que fornece para toda a América essas «girls» de pernas esculpturais, corpos esbeltos e movimentos duma exactidão matemática, é um crente fervoroso que vai todos os domingos a uma pequena igreja escondida entre as flores da Hayworth Avenue — a «First Church of Christ scientist».

* * *

O «Hollywood Boulevard» estava intransitável. Havia uma estrela sensacional no *Chinese* — o maior cinema de Hollywood. Los Angeles, Beverley, Culver City, Santa mónica e mesmo Pomona e Santa Bárbara, vieram para Hollywood nos seus autos e convergiram em chusma no «Hollywood Boulevard». Eram milhares e milhares de carros colados uns aos outros, duma maneira absurda, impossível. Conseguem este milagre «chauffeurs» especiais que tomam conta dos volantes ao chegarmos às imediações, e se encarregam de os arrumar impecavelmente.

Em redor do *Chinese* cega-se de luz. Luz que escorre, lentamente, ao longo da fachada por fileiras de milhares de lâmpadas, focos de intensidade insuportável descejam-se sobre os nossos olhos, focos do cimo do edifício para a base, da base para o cimo; dos passeios?! dos prédios fronteiriços?! de aviões? do céu?... não sei, não se pode saber.

Já não é só a luz da luz que nos incomoda; é também o calor da luz.

O grande «hall» da entrada, não tem tapetes. É formado por grandes quadriláteros dum cimento especial, em que os mais célebres artistas tiveram a honra de desenharem as suas assinaturas quando este estava fresco. Mas os americanos, são americanos! Não quiseram só a assinatura. Lembraram-se de colocar sobre

pouco perdendo a noção da distância, e passaram a não distinguir planos.

As imagens sobrepunham-se num mesmo fundo. Seria o «écran»? A miscelânea de sons entouceu-me...

Do que se passou depois... não sei nada.

* * *

Frequentava assiduamente um «bar» acanhado do lado do Beverley Hill, onde apetecíveis «girls» de opereta nos serviam bebidas estranhas e de sabor adstringente — produto de complicadíssimas misturas, para que é necessário possuir uma ciência e uma prática extraordinárias — que têm uma aplicação dupla: abrem o apetite... quando as refeições estão próximas, facilitam a digestão... quando nos encontramos *estomacalmente satisfeitos*. No entanto, ainda não cheguei à conclusão definitiva, pois muitas vezes penso se esta aplicação dupla será realmente produto da perícia do *barman*, se da simpatia do cliente pelas bebidas... e talvez ainda não seja nenhum destes casos, mas sim uma forma americana de recuperar o não bebido durante a lei seca.

Certa noite variei. Um amigo quis mostrar-me novo espectáculo: um *espectáculo afrancesado*, como ele dizia.

Não fui de muito boa vontade. No meu deslumbramento, julgava não existir nada mais simpático que o Brown Derby, com aquele grupo de deliciosas criaditas, — tão deliciosas que conseguim, com a sua presença, transformar em dulcíssimas as bebidas amargas que me serviam — deliciosas criaditas, dizia eu, de vestidos cor de rosa muito curtos e multíssimo decotados... Tão curtos que era escusado esperarmos a ocasião de servirem o cliente da mesa fronteira para enxergarmos uma paisagem provocante; tão decotados que, para desvendar novos horizontes, não era necessário obrigá-las a curvarem-se ao nosso lado com o fútil pretexto de nos elucidarem sobre o prato mais saboroso do *menu*.

* * *

Fomos para Los Angeles, Main Street, com a pollicromia das luzes de publicidade lembra um arco-íris artificial com as cores desordenadas.

Apeamo-nos do «Ford», do inseparável «Ford» americano». Seguimos pelo passeio. Fotografias coloridas de mulheres em tamanho natural, sabidamente pouco vestidas e escandalosamente decotadas, servem de reclamo às inúmeras *boîtes* existentes ao longo da Main Street.

Estamos nos «Burlésques»; estava em cena um grupo de «girls» audaciosamente despi-

(Conclue na página 15)



O CINEMA



E A HORA INQUIETA QUE O MUNDO ATRAVESSA



DESDE tempos imemoriais, a ideia da fraternidade humana tem constituído a preocupação de cérebros, movidos pela vontade forte de corações generosos, que pretendiam a paz na terra, entre os homens de boa vontade, já que o materialismo dos tempos vai sendo refractário à glorificação de Deus, nas alturas! E no entanto, ontem como hoje, no passado como no presente, o Homem, chegado o momento de haver esgotado os argumentos suasórios, perdida aquela dose de falsa condescendência de que se reveste, regressa aos seus instintos, deixa-se dominar pelas paixões, torna-se escravo fiel de ambições desmedidas — e esquece as palavras de amor que outros prégaram, e de que, por vezes, é próprio se fez porta-voz, para se bater na luta de interesses, sem olhar aos meios — com a preocupação única de atingir os seus fins.

Mal refeito ainda dos horrores duma guerra de quatro anos, o mundo volta de novo a sentir a sua ameaça temerosa. A Itália e a Abissínia poderão ser o rastilho, que provocará, uma vez mais, a explosão imensa de ódios, de luta e de sangue — por toda a parte.

* * *

A guerra italo-abexim, que se está decidindo, nos desertos escaldantes e nas montanhas escarpadas da Etiópia, é um exemplo, como muitos outros, do momento agitado que o mundo atravessa!

Por toda a parte, os homens lançam-se uns contra os outros, em guerras cruentas. Quando não é sob bandeiras de países diferentes, é dentro do próprio país.

A guerra sino-japonesa, a luta no Chaco, não foram menos ferozes do que as outras, em menor escala, travadas nas ruas de Cuba, na Catalunha da vizinha Espanha, na Índia de Gandhi, nas praças severas de Varsóvia, etc.

Por toda a parte, os ódios mais desenfreados, as ambições inconfindas, escrevem a sua crônica, à custa do sangue generoso dos inocentes, dos mártires imolados à fúria assassina dos que fomentam a desordem e a guerra.

* * *

O cinema não se pode alhear da vida



dos povos. Faz parte integrante da sua célula social. Está estreitamente ligado à sua orgânica. E, como tal, é o espelho do que vai pelo mundo, a projecção eloquente da hora inquieta que o mundo atravessa!

Onde está «o acontecimento» está o operador. O reporter pode valer-se de testemunhas para reconstituir, *ipsi verbis*, o que se passou. Pode deixar-se empolgar pela fantasia e exagerar o facto, condimentá-lo com aquela dose de emoção, que é grata aos leitores. O operador cinematográfico, não! Tem que estar presente e conservar a serenidade precisa, a intuição necessária para, aqui e acolá, quando a luta é mais acesa, filmar o facto e o pormenor, a que uma montagem hábil dará depois a precisa seqüência. A câmara não se compadece com a segurança do operador. Este não se pode acotiar dentro dum portal, barricar-se de forma conveniente. A câmara exige mobilidade e a tomada de vistas não admite as prudências mais elementares.

O operador cinematográfico que pretenda fixar as horas emocionantes da luta, escrever, no celuloide, para uma sala ansiosa, a crônica dos acontecimentos, tem que desprezar a vida, esquecer-se de que é vulnerável às balas disparadas e confiar na sua boa estrela, para evitar maus encontros...

É sublime, a heroicidade e o espírito de sacrifício destes obreiros do cinema — porque nem sequer têm a compensação da celebridade, a animá-los no cumprimento do seu dever.

* * *

O atentado de Marselha, o assassinio revoltante de Bartheu e do rei Alexandre da Jugoslávia, veio pôr em foco,

mais uma vez, a missão dos operadores de actualidades e os perigos contínuos a que se sujeitam, para dar aos espectadores a noção e a emoção do acontecimento.

Foi um herói, esse rapaz americano que teve a serenidade precisa para, num momento de desorientação geral, filmar o atentado, ir buscar, num *travelling* eloquente, o pânico da multidão que se acovelava nos passeios e regressar ao ponto de partida, ao carro onde, agonizantes, as vítimas jaziam num mar de sangue! Obra do acaso, não. De contrário, o operador teria atribuladamente filmado algumas cenas, sem a admirável intuição que revela, indo buscar o pormenor do pânico da multidão e regressar de novo ao automóvel, sem deixar de filmar continuamente.

Custou-lhe a vida, aquelas dezenas de metros que filmou. Horas depois, aparecia morto, misteriosamente.

* * *

Quando dos tumultos de 7 de Fevereiro, em Paris, e no momento em que as duas correntes, a conservadora e a avançada, se entrechocavam, trocando, em plenos «boulevards», tiros e projecteis de toda a espécie, podia ver-se em pé, sobre um «camion», o operador do «Eclair», entregue à sua faina de registar o acontecimento em todos os seus pormenores, alheio ao perigo, indiferente aos conselhos de prudência que outros lhe ditavam.

Com os olhos sobre a máquina, assentada sobre os amotinados, era um bloco único, que não temia, que não vacilava, no meio do perigo. Uma bala perdida, varou-o. Calu, mortalmente ferido. E a reportagem magnífica que o «Jornal Eclair» apresentou teve por preço o

sacrifício duma vida, de que o público nem sequer se apercebeu.

* * *

Estalou a guerra italo-abexim. O mundo inteiro cravou os seus olhos nesse deserto imenso, de temperatura sufocante, nessas terras do sol e da febre, em cenas de teatro de lutas, que se seguem apaixonadamente. Era preciso dar ao público as imagens fortes dos trágicos sucessos. Era preciso transportar para a tela branca, duma sala confortável, aquele mundo desconhecido, o império milenário da Etiópia, com os seus ritos estranhos e as suas paisagens ignoradas.

Da América, partiram imediatamente, em avião, os homens e o material preciso. Semanalmente, os grandes jornais passaram a inserir reportagens curiosíssimas do conflito italo-abexim, enviadas através duma região desértica, com uma rapidez que assombra!

Há dias, porém, entre a caravana dos operadores que se encontram na Abissínia, realizou-se uma cerimónia simples! Um após outro, todos eles foram lançar uma pá de areia sobre o cadáver dum operador europeu, que sucumbira às febres malignas que o atacaram, no país da morte e da desolação.

* * *

E, assim, feita de sacrifícios e de abnegação, a vida dos operadores de actualidades. Heróis apagados do Cinema, que tudo sacrificam ao prestígio e à glória da organização a que pertencem — merecem bem a atenção do público, na forma como se desempenham das mais difíceis missões, pelo brilho que, por vezes, imprimem às suas reportagens.

E, agora, no momento, em que o mundo é um vulcão imenso, em que, por toda a parte, a guerra escrita como uma ameaça imane sobre a cabeça dos povos — os operadores de actualidades são os homens do dia, os grandes obreiros do cinema, a nota heroica e sublime, no meio do fragor das batalhas e do sangue dos homens!

FERNANDO FRAGOSO

O HEROISMO DOS OPERADORES DE ACTUALIDADES, ANTE O PERIGO



que o aparelho de T. S. F. transmitia, as músicas populares não tinham saídas para mim. Cantava-as de fita e gravio. Um dia, um vizinho mesmo veio me dançar. E, poucos dias depois, um senhor muito simpático veio pedir a meus pais que me deixassem entrar num filme.

Ahoro o cinema. Tenho visto poucos filmes, porque a maioria não quero que eu me deixe ler. Vi os primeiros de Chaplin, quando era pequena. Há o horror, a ficção.

Meus pais nunca me deixam ir à noite ao cinema. Só uma vez fizeram excepção. Foi na apresentação dum filme em que eu entrava, me ensaiava apenas, e isso porque o espectador tinha pedido a mim que me levasse lá. Achou o filme engrandecido, e foi a perder. O menino tinha ido mesmo muito para os cineastas. E quando nos veio chamar, antes de nos despedirmos, um dos alunos do estúdio onde filmara entregou um cartão de visita à minha mãe, que estava visivelmente radiante. Lembrou-me de que disse, ao pai, que aquele era o sr. Correy, da Fox-Film.

No dia seguinte, fomos à cidade Moctezuma, para nos encontrarmos com o

O que sei acerca de o mal-olhado de Shirley Temple, pode parecer estranho que a linda escrãinha escreva este biográfico, mas, quando assinar o seu nome, com o nome verdadeiro e verdadeiro, não fará os admiradores... Mas o segredo está-se. Se descobrirem que não sou eu, se alguém foram ditados por Shirley a um jornalista, que procurem reproduzi-lo, com o nome de Shirley Temple, e não o de seu maior encanto!

A grande mudança de minha vida foi sempre ter uma filha. E, por isso, no dia em que nasci, meus pais ficaram radiantes. Nasci a 23 de Abril de 1929. Meu irmão John tinha 12 anos e George, 11. Lembro todas as meninas ajudadas, acho o pai e a mãe as pessoas mais lindas que conheço, e cingirar no mundo. Quando se subutilizam. Minha mãe não me abandonou sem desistir, sequer, ficava comigo, e divertimo-nos a grande. Quando meu pai vai, não há mais, a família — é também uma história rizada.

Suponho que desde desde que tentei os primeiros passos. Não me lembro bem, mas o que vou posso garantir é que gostei muito de dançar. Quando tinha três anos, frequentava, com outras pedrinhas, a escola de ballets rítmicos. Meu pai levava-me até lá, no carro. Ahoro ládas as danças, mas eu não participo de step-dancing. Aprendi a bailar, ensaiando os passos, so tom das crianças.



na praia, sem a menor brincadeira com água. As pedrinhas da minha idade, não me fazem perguntas — e eu adoro-as. Não cedeio a que me interrogam, respondendo-me a algumas. Quando não sabem o que quero, quando não me entendem de que não gosto, qual é o meu actor favorito. Sei há que tempo! Certamente o que conheço há de ser aquela da minha idade. Tenho muitos ídolos e heróis. A mim compoem-se alguns. Os outros deram-me no estúdio. Gostei de andar numa verdade, não adoro o meu fado de trabalho, um grande chupão de palha de andar na praia. Não o que gosto mais de tudo o correr, em cabelo, a churrada o emalhar que cinco crianças.

Desem-nos uma casa linda, na Cidade Moctezuma. Tenho um quarto de cama enorme, com cadeira, tapetes e poltronas na parede, tal qual como eu me encontro. Também uma sala, com carpetes, um quarto preto, e um banheiro. É ali que aprendo a ler, a escrever — e a cantar. Quando me pedem para interpretar uma coisa, sempre é ao sr. Correy, mas pouco muito tempo, porque sempre soudo esquecer, e só com letra iniciada no dia seguinte.

Não é assim tão fácil para saber que nova filme vou interpretar, e se é bom. Carly Foy, também um rapaz muito amigo da Barbara, a quem quero — all my love — love Frank.

SHIRLEY TEMPLE

sr. Brown. Era uma pessoa muito simpática e pediam-me para dançar. Ao ser dada música indiana, comecei a bailar. Depois cantei. Parece-me que gostaram.

E foi assim que me contrastaram para Screen's optativas.

Todos os dias, a mãe ia ao estúdio comigo. Tomava conta de mim, com receio de que eu me produzisse alguma confusão de corredores, portas e salas... Não valíamos coisa e divertido lá no mar. Decoramos meia dúzia de palmeiras, e depois o realizador mandou-me ir, chorar ou cantar. Depois gritei, chorando.

Acabavamos cedo as filmagens. Depois, o pai acompanhava-nos a casa. Fando o jantar, ia brincar para a rua até que a mãe me chamava para a cama. As vezes, entrávamos a bordo e começávamos o meu papel. De todos os meus papéis, aquele de quem me não gosto é de James Stuart, que tenho a meu lado em Shirley, aviação.

Completei cinco anos, durante a filmagem de Shirley, a pouco enchebada. Nesse dia, houve festa rija nos estúdios. Toda a gente lá foi convidada para o chá, e palhaços engrandecidos fizeram-me vir até lá ligadas. Quando se foi dizer que a Fox me ofereceu um grande hotel, com o cinco vãos de arte, bem avesso. Como trabalhei muito, o médico quis que eu, até aos, tivesse umas grandes férias. Fomos para o campo e, depois, para o mar. Andei sempre de malho!

Handwritten signatures and text: "a história da Shirley Temple", "por Shirley Temple", "Shirley Temple".

O cinema e a guerra

LEMOS, há dias, nos jornais, perdida no «pele-mê» do noticiário confuso e fantasista do conflito italo-abexim, a seguinte notícia, que merece ser destacada, pelo ineditismo do facto que refere:

ASMARA, 22. — (Do enviado especial da «Havas» à frente do Tigre). — A população de Adua, assistirá, amanhã, pela primeira vez, a um espectáculo cinematográfico, ao ar livre, na praça principal daquela cidade. Assistirão, também, Maravigna, Bottal, governador de Roma, oficiais e soldados Italianos. Os filmes mostrarão as grandes manifestações patrióticas Italianas e a potência militar da Itália, e serão comentados na lingua indígena.

Pelo primeira vez, na história das batalhas e conquistas do século XX o Cinema aparece a colaborar na marcha das operações, com um papel como o que desta vez lhe foi distribuído.

Quando da grande conflagração mundial, de 1914-1918, o cinema prestou muitos e valiosos serviços. Permitiu fixar factos, pormenores, que, analisados scrrenamente, influíram, em parte, na sorte de algumas batalhas travadas.

As deslocções de tropas, a tática do inimigo, captadas pela câmara, forneceram preciosos ensinamentos. Os aviões que sobrevoaram as linhas de fogo, levaram operadores cinematográficos que filmaram os mais sensacionais documentos. O afundamento de navios, as imagens das batalhas navais, filmadas pelas brigadas cinematográficas, analisadas, depois, nos gabinetes do Estado Maior, permitiram avaliar a eficiência do material de guerra, o poder dos explosivos, a actuação dos próprios soldados, as suas fraquezas, as suas hesitações, o seu heroísmo...

O cinema foi largamente empregado, mas sempre como um prolongamento, como uma extensão do papel que cabia à fotografia.

Coube agora a Mussolini a iniciativa de o aproveitar sob outro aspecto, em que a sua eficiência não pode falhar: como pacificador dos povos a submeter, como propagandista do poderio e do prestígio duma nação, como argumento para converter os incrédulos e rebeldes, para intimidar os fortes e convencer os fracos.

Ao lado dos canhões, das metralhadoras ligeiras, das espingardas de repetição, a câmara cinematográfica e a máquina de projecção são preciosos auxiliares na conquista do solo, árido e pedregoso, da Etiópia.

Não sabemos até que ponto a iniciativa resultará. Mas o certo é que não poderá deixar de abalar os espiritos mais refractários a renderem-se à evidencia dos factos.

* * *

Não mais notas diplomáticas, ou demonstrações militares, que custam fortunas! Se a moda pega, amanhã, num «diferendum» entre dois países, proceder-se-á, por intermédio das chancelarias, à troca de filmes tendentes a demonstrar o poderio, o progresso e a força das nações litigantes.

E não aleguem que podem ser falsos ou deixar dúvidas quanto à sinceridade das ideias e demonstrações ncles expostas.

Nos tempos que vão correndo, em que todos fogem a assumir compromissos e a definir atitudes, as notas diplomáticas também são dúbias, e feitas, às vezes, à custa de engenhosos truques...

O advento do cinema brasileiro

De «Noites Cariocas» a «Allô... Allô... Brasil»

LODYA SILVA E MESQUITINHA falam a «CINE-JORNAL»

E' regra geral, quasi sem excepções, serem as entrevistas um arrazoado de elogios, um enxame de adjectivos enojativamente amáveis, uma prosa louvaminheira com frases conscientemente mentirosas ácerca do q... sopri... a... sop... op blico que não acredita nessas sandices quando da primeira vez, vem depois a acreditar, à força de tantas vezes se repetir.

Advertência aos leitores

Não concordo que assim seja e por isso aqui venho escrevê-lo e, além disso, mostrar também que tal não impede que eu esteja grato, imensamente grato, aos meus entrevistados presentes e futuros. Nada me obriga, porém, a ser bajulador e a escrever elogios a que, em boa verdade, melhor seria chamar insultos. Portanto o leitor não deve estranhar que eu discorde do entrevistado; não deve estranhar, nem tam pouco ver nisso má vontade ou incorrecção da minha parte.

Todos têm direito aos seus pontos de vista sobre qualquer assunto desde que possuam conhecimentos suficientes sobre esse assunto.

Lódia, a vedeta bonoca

Combinei encontrar-me com Lódia no hotel. Sabia-a protagonista do filme *Noites Cariocas*, do realizador argentino Cadicamo — e, por esse motivo, interessava-me conversar um pouco... A hora combinada chegou... e esperei. Pouco tempo depois, Lódia Silva surgiu com um elegantíssimo vestido preto. Saltaram-me à vista os cabelos loiros-claros, complicada e arquitectonicamente encaracolados. Instalou-se cômodamente, numa poltrona e atirou as magnificas roposas ao «groom». Em duas ou três frases curtas, dissemos sensorias pseudo-protocolares. Na mesma sala, não muito longe, Jardel Jercolis e vários artistas da sua companhia.



Portugal e Brasil

É um facto! O Brasil interessa-se mais e conhece melhor o que se passa em Portugal, do que Portugal conhece e se interessa pelo Brasil. A razão compreende-se facilmente: os portugueses, no Brasil, são inúmeros e os brasileiros que vivem em Portugal são poucos. Este é o principal motivo e tam importante que me escuso de falar da história, da cultura e do papel colonizador e civilizador do português no Brasil. Eis porque não conhecemos o cinema brasileiro... como não conhecemos muitas outras coisas.

Esperava desvendá-lo nesta entrevista; não o consegui por duas razões: não só porque Lódia Silva é uma actriz de revista, que fez acidentalmente cinema como também porque o cinema brasileiro está em organização. Mostrar-vos o que é o cinema brasileiro seria quasi o mesmo que mostrar-vos o que não existe.

«Noites Cariocas»

E comecei a desfechar a série de perguntas, que levava engatilhadas:

— Há quanto tempo foi estreado o filme que interpretou? Lódia Silva semi-cerra os olhos numa expressão de quem pretende lembrar-se lendo, ao longe, e, em brasileiro lento e arrastado, vai dizendo, assim: «Se istriô... mê Deus, qui dismêmuriada istô».

Jardel, de longe, auxilia-a: Deve haver dois meses que foi a estreia no Ciné-Brodway, do Rio de Janeiro.

— Quais foram os outros intérpretes de «Noites Cariocas»?

— O galã Carlos Vivan, Maria Luíza Palomero e Mesquitinha.

— Mesquitinha é o único actor da sua actual companhia que entrou no filme?

— Não; também entraram as *Jardel-Girls* e até foi no nosso teatro — Teatro João Caetano — que se filmaram as cenas em que elas tomaram parte.

— Pelo que diz trata-se de um *vaudeville*?

— Sim; é um *vaudeville* interpretado por actores argentinos e brasileiros, o que valoriza o filme extraordinariamente, pois consegue interessar toda a América do Sul. Nesta altura já deve estar a correr em Buenos-Aires.

— Tiveram estúdios próprios para a filmagem?

— As cenas interiores realizaram-se — a não ser as que foram filmadas no Teatro João Caetano e de que já lhe falei — nos estúdios da *Cinédia* de Ademar Gonzaga, director da Ciné-Arte.

— *Noites Cariocas* pertence à *Cinédia*?

— Não; é da empresa Caio-Brand. Foi esta que alugou os estúdios da *Cinédia*.

«Mi parece que si...»

— Pensam trazer o filme a Portugal?

— «Mi parece que si», murmurou Lódia no seu brasileiro simpático e muito português, embora certos senhores afirmem — aparentemente convictos — a independência da lingua brasileira.

— Ademar Gonzaga pensa em realizar, brevemente, mais algum filme?

— Está a preparar uma película de que será protagonista Raúl Roulien que já vai a caminho do Rio com sua mulher, a actriz Conchita Montenegro.

— O Brasil tem muitos realizados?

— Os de mais nomeada são Humberto Maura, Luiz de Barros e Ademar Gonzaga.



— Existe uma produção continua? Só de tempos a tempos é que se realiza um filme. Além disso o nosso cinema está mais atrasado que o português.

Fala Mesquitinha

Neste momento, Lódia Silva levanta-se para nos apresentar Mesquitinha que acabara de entrar na sala.

E extraordinariamente simpático e já tivemos ensejo de vêr que é um bom actor cómico.

— Soube que foi parceiro de Lódia Silva, nas *Noites Cariocas*?

— Sim... foi o último filme que interpretetei.

— Já tomou parte noutros?

— Estreei-me nos *Estudantes* e depois filmei *Allô-Allô-Brasil*.

— Tem algum compromisso por novos filmes?

— Regeitei um contrato em virtude da minha vinda a Portugal.

— Conhece o cinema português?

— Gostei muito das *Pupilas*; tem fotografias maravilhosas. Fizeram grandes progressos da *Severa* para cá. A *Severa* está para as *Pupilas* assim como *Allô-Allô-Brasil* para as *Noites Cariocas*.

Os filmes portugueses

— Sobre a *Canção de Lisboa*?

— O público não gostou muito. António Silva tinha nesse filme uma interpretação estupenda.

Lódia Silva, também admira imenso António Silva. Cita outros nomes: Amélia Rey Colaço, Adelina, Aura Abranches e Beatriz Costa no Teatro ligeiro.

— O Teatro dramático no Brasil?

— Quasi que não existe. O Teatro de revista, esse sim, tem público.

— Mas entre os escritores da vanguarda não se sente uma reacção?

A pergunta não teve resposta. E eu tive pena; sincera pena, pois tenho esperança que o teatro ressurgirá.

É que o «telefónio» chamava Lódia Silva...

TELMO FELGUEIRAS

SUZANNE Chantal, a grande jornalista francesa, publicou um curioso artigo sobre Robert Montgomery, esse artista prodigioso—que o nosso publico se vai habituando a admirar. É um retrato esplêndido cito um pouco sobre o natural, sabido é que Montgomery esteve recentemente em Paris. Em companhia de sua mulher, a gozar umas férias bem ganhas.

E, antes de dar início ao artigo em questão, não queremos deixar de notar quão felizes são os jornalistas franceses, que têm à mão, para encher as páginas das suas revistas, a matéria rica de mil e um filmes e mil e uma vedetas nacionais, e a visita constante das grandes sumidades estrangeiras.

Que fácil é ser-se jornalista cinematográfico, sob o céu acolhedor da França!

Montgomery, o ídolo

Numa pequena aldeia da Valónia, conheci as raparigas, que dividiam os seus inoventes ócios, entre o «tricot», os bordados e uma colecção de fotos de vedetas, encontradas nos pacotes de chocolate. Um dia, quando passei os meus olhos por esta tão abundante como simpática colecção, perguntei-lhes qual era o seu artista favorito. Espe-

Na recepção oferecida à Imprensa em honra de Montgomery, encontrei muitas jornalistas habituadas, há anos, a tratar, com frequência, com os galãs do cinema. Mas nunca as vi tão entusiasmadas, comprimidas em sua redor. Não admira—é o favorito!

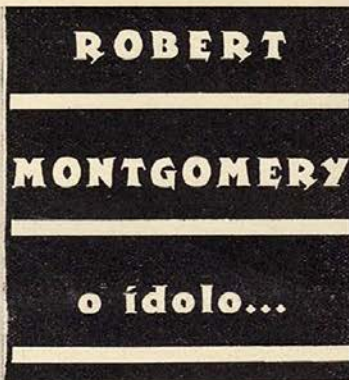
Há nele, de facto, qualquer coisa que o torna irresistível, que encanta. Um a-vontade, uma desenvoltura, uma moicidade, sobretudo, que surpreendem. Com os seus cabelos escuros, e ligeiramente ondedados, olhos azues, e o riso aberto—têm o ar dum colegial em férias... Mas, se nos aproximarmos, poderemos contar dois ou três anacrónicos cabelos brancos. E isto é a prova da sua moicidade...

É alto, veste-se com esmero, tem o perfil americano, boca um pouco mole, nariz petulante. Fala pelos cotovelos. É uma coisa que intimida, esta de receber, numa sala, cem pessoas estranhas, totalmente desconhecidas e ter de dizer, a cada uma, qualquer coisa. Pois Montgomery não se ralou com o facto. Conversou com este e com aquele, disse a sua graça, riu—e tudo isto com o ar de quem está divertidíssimo. Nunca vi ninguém assim...

Clark Gable escrevia, acerca de Robert: «Ninguém o encontra desprevenido... Ele sabe estar à altura de todas as situações». Hoje não me restam dúvidas, a tal respeito.

Simplicidade e despretenção

Montgomery deve ser um bom rapaz.



Tem estampada a sua bondade no sorriso e nos olhos. Não tem ar de ser uma vedeta. Em França, produtor algum lhe confiaria um papel. Parece-se com todos os rapazes bem constituídos e simpáticos, que se encontram, por exemplo, entre São Francisco e Nova-York. Nada o diverte mais do que viajar sem ser reconhecido.

Um dia, quando regressava de férias, que passara na montanha, em caçadas sucessivas, encontrou um garoto de quinze anos, que lhe fez sinal para parar e lhe pediu, se o deixava subir para o carro. Montgomery não ia barbeado e vestia uns calções de «golf» e um «sweater» usado... O rapaz não o conheceu e contou-lhe a sua história. Ia para Glendale, onde tinha uma tia velha, que não via desde pequeno—e que era, à data, toda a sua família. Bob conduziu o seu jovem companheiro até Glendale, e, af durante horas e horas, ajudou-o a procurar a tia velha. Acharam-na por fim. O rapaz insistiu em oferecer ao seu amável «chauffeur» uma chávena de chá e torradas, que Robert comeu, aliás com prodigioso apetite.

Como os príncipes encantados

Doutra vez, quando ia no seu carro, encontrou um par, que parecia desolado. Eram dois irmãos. Um rapaz e uma rapariga. Tinham vindo do fim da América, do Texas! Haviam gasto todas as suas economias naquela viagem a Hollywood, na esperança de

ver, em carne e osso, as vedetas que tanto admiravam. Afinal, não viram uma para amostra—e partiram, no dia seguinte, desolados.

Montgomery fê-los entrar no seu carro. E puderam assim franquear a irredutível porta dos estúdios. Bob foi amabilíssimo. Mostrou-lhes os cenários das produções em curso, apresentou-os a Jean Harlow, a Clark Gable, a Norma Shearer... A tarde, levou-os de carro a dar uma volta em Hollywood, para lhes mostrar os «bungalows» de todas as grandes vedetas. As vezes, sem saber apontava uma casa—e citava um nome. As mentiras que empregou, não o levam ao inferno...

Os jovens turistas partiram, no dia seguinte, para o Texas, deslumbrados e radiantes... O nome de Montgomery deve ter ficado gravado em letras de ouro, no seu coração. Vejam lá do que é capaz Robert Montgomery! Se gabam a sua gravata, tira-a, oferece-a e zanga-se se a pessoa em questão a não aceita... Espera que, no dia que necessitar de alguma, lhe façam o mesmo...

Um belo dia, assombrou toda a gente no estúdio! Sentado ao lado de Greta Garbo, comia com ela a mesma maçã, à dentada, alternadamente—primeiro um e depois outro. Tinha conseguido domar a grande vedeta sueca! Clark Gable tem razão: «É capaz de tudo, aquele diabol»

A vida privada do favorito...

Vive com simplicidade, o seu único luxo

é uma vallosa «écurie», cavalos para o jogo do polo. Embora habite Hollywood, há muitos anos, e a-pesar-de ser uma grande vedeta, nem por isso se resolveu a construir, como os outros, uma sumptuosa moradia. Mora no «bungalow» onde outrora morou John Mac Brown. Recebe pouca gente. Mas comprou no Estado de Nova-York, em Pawling, onde fez os seus estudos, uma bela casa, para nela viver retirado, mais tarde—quando a sua estrêla empalidecer.

Sua mulher, Betty, que é linda, nada tem com a vida profissional de Montgomery. Consagra-se inteiramente ao seu lar e à sua filha. Bob é, aliás, um homem que aprecia o lar, e nele se entretém com os seus livros, os seus discos e a sua bicharada. Tem dois cães. Um chama-se «Hias» (Como vai!, em linguagem abreviada). O outro «Boodbye» (Adeus, na mesma linguagem). É prático. Quando tem qualquer maçador em casa, chama o cão, várias vezes—e o outro acaba por compreender... Além disso, canta, sem nunca ter aprendido, e na intimidade prudente da sua banheira, ataca, enquanto se ensaboa, as mais difíceis árias de ópera... Escreve contos e romances—e rasga-os logo a seguir, à força de os achar maus. E entretanto vai interpretando filmes como *A Divorciada*, *Quando uma mulher ama*, *Dias Felizes*, *O Mistério de Mr. X*, *Os noivos de Mary* (Forsaking All Others), etc....

É por tudo isto que nós gostamos dele, que é o favorito das duas aldeias, o meu—e o de todos vós...

rava o nome de Ramon Novarro ou de André Roanne. Mas gritaram, com entusiasmo, o nome de Robert Montgomery.

VAMOS VER DOIS GRANDES FILMES!



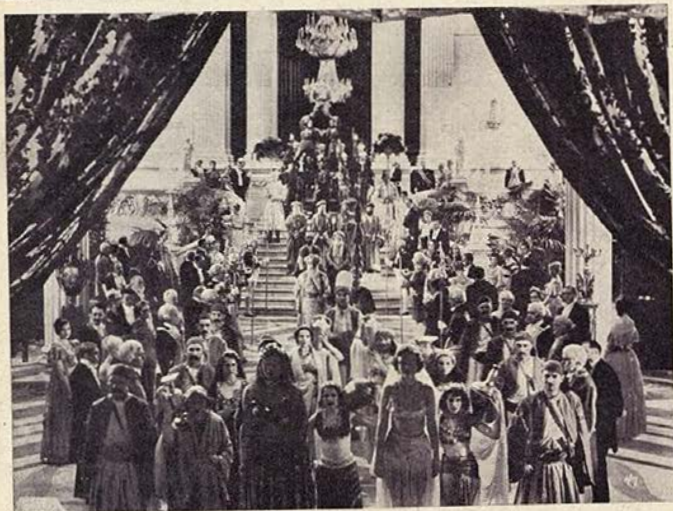
O Conde de Monte Cristo

«O Conde de Monte-Cristo», o famoso romance de Dumas, pertence à categoria das obras eternas. Volvidos anos e anos, sôbre a sua primeira aparição, conserva, ainda hoje, o mesmo encanto, o mesmo interêsse, as mesmas qualidades, que o celebrizaram então.

São notáveis lódas as suas versões cinematográficas. Mas em nenhuma, como na que a United Artists realizou, o fausto, a grandiosidade, a perfeita interpretação das páginas daquela obra foram tão fielmente reproduzidas.

Vale a pena ver «O Conde de Monte-Cristo». Se como obra cinematográfica convence, como espectáculo — empolga.

Todo o fausto e galanaria da época que revive se observam nesta película notável, que Rowland V. Lee realizou, e que Robert Donal e Elissa Landi interpretam à maravilha.



Produção



Se dissermos que a «Mascarada» é um dos filmes mais perfeitos que o cinema nos tem dado — não exageramos, de forma alguma, porque a película, hoje célebre, que Willy Forst dirigiu, é do mais notável, do mais belo, do mais assombroso que se tem realizado na Europa.

Ritmo certo, desempenho correctissimo, realização rica em efeitos e duma segurança absolutu — estas e outras características impõem o filme como uma autêntica obra-prima que é!

Paula Wessely, Rodolfo Wolbruck e Olga Tschekowa colocam as suas interpretações ao excepcional nível da obra.

Vão ver este filme ao Tivoli, onde se eternizará em exhibição!

A MASCARADA

PRODUÇÃO



DISTRIBUIDOS PELA SONORO-FILME, L. DA.

Os nossos filmes

O BARÃO

Em 1745, a Hungria, libertada, havia pouco, do jogo dos austríacos, tentava reparar, nas povoações e nos campos, as ruínas causadas pelos séculos de guerra e de pilhagem. Pouco a pouco, os grandes domínios agrícolas reconstruíram-se. Os Húngaros queriam apenas que os deixassem viver tranquilamente, a dançar e a cantar. E os Boémios perzoriavam o país, vendendo bugigangas, acampando aqui e roubando acolá.

O primeiro encontro...

Certo dia, um coche, rico e doirado, foi de encontro a uma dessas carripanas errantes dos ciganos e virou-a. O condutor, em lugar de se desculpar, preferiu desatar a injuriar o condutor. Um rapaz, de longe, seguia a cena. Aproximou-se e viu uma rapariga, bonita, morena, que emergia dos destroços da loiça partida.

— Ganhei o dia, murmurou ela, desolada. O rapaz sorriu. Num instante, acercou-se da carruagem. Imobilizou os cavalos, com as rédeas, e declarou:

— Não se irá embora sem pagar os prejuízos.

O gordo condutor ficou estupefacto. Quem era o desconhecido que se lhe permitia falar com tal arrogância? Mediu-o de alto a baixo. Pobremente vestido, tinha um olhar duro e imperioso. O homem pegou numa mão cheia de moedas e atirou-as à ciganita. Chicoteou os cavalos e partiu sem olhar para trás.

A pequena aproximou-se do seu amável salvador. Com um sorriso de gratidão agradeceu. E acrescentou:

— Queres vir comigo no carro, em lugar de irés a pé... Um favor vale o outro... Chamo-me Saffi.

— E eu Sandor. Aceito a tua oferta.

O tesouro dos Barnikai

E tomou lugar na barulhenta carripana... Sandor e Saffi consideraram-se amigos desde então. Juntos, dirigiram-se à feira da aldeia. Correram-na de lés a lés, parando diante de cada atracção, rindo e brincando como dois garotos. De repente, Sandor estacou. Pouco adiante, um cantor ambulante, Erno, acompanhado a órgão, garganteava as coplas duma balada célebre: a tragédia dos barões de Barnikai.

Com efeitos de voz e gestos melodramáticos, contava a triste aventura desses nobres senhores, expulsos dos seus domínios, havia 25 anos, pelos invasores. O barão e sua mulher haviam fugido, com um filho de tenra idade. Que fôra feito deles? Ninguém o sabia. E enquanto recolhia as moedas, Erno, falador, precisava:

— Ah! Se eu fôsse um rapaz novo, não estaria aqui, mas sim a desenterrar o tesouro dos Barnikai! Eles deixaram lá, com certeza, um tesouro... Não há por aí ninguém que me queira ajudar nessa tarefa... Dividiríamos o bôlo...

Sandor ouvia-o, pensativo. E murmurou: — Se houvesse um tesouro, o filho dos Barnikai teria vindo, mais dia, menos dia. Saffi, que comia um bôlo, encolheu os ombros:

— Então, não sabes?! Os Barnikai estão proscritos... Acusaram-nos de ter relações amigáveis com os turcos opressores. Por isso, todos os que usarem o apelido Barnikai serão presos e enforcados, se se aventurarem a pôr o pé no solo húngaro.

nhedica olhou-o, com um sorriso protector. Como era bonita! Tão loira e tão orgulhosa! Sandor seguiu-a até à casa de pasto, para lhe entregar uma espora, que ela perdera.

E, atônito, viu o marchante de porcos abrir-lhe os braços, dizendo:

— Arsen! Meu amor!... Minha pomba!... Ah, meus amigos! Podem dizer que ela me custa cara — mas é a minha maior alegria. Sandor ficou desolado. Não lhe agradava nada ver aquela linda mulher nos braços de semelhante bruto. E, para se vingar, tratou de improvisar uma canção, na qual, com a ajuda de Erno, criticava Czupan, Arsen e os porcos, aos quais os dois amantes deviam a fortuna...

Czupan não percebeu onde o outro queria chegar. Mas Arsen achou a graça pesada e procurou Sandor, para o esbofetear. E Sandor vingou-se, roubando um beijo à desconhecida.

Saffi virou a cara, para não ver. Era a única pessoa que não ria com cena...

Sandor resolveu seguir Erno e outros.

para a busca do tesouro, no Castelo dos Barnikai.

Supunham que tudo caminhará bem e esqueceram-se de contar com a vigilância dos ciganos, resolvidos a sustentar um cerco em forma, para defender o morada abandonada. Obedeciam a uma mulher estranha, velha e esquelética, de olhos magnéticos e voz seca: Czupra.

Sandor, só à sua conta, deixou adormecidos, à fôrça de os socar, alguns ciganos. Czupra, admirada ante tal coragem, avançou para ele:

— Quem és e porque ousas armar-te em chefe?

— Tenho esse direito. Talvez mais do que tu supões, declarou Sandor olhando-a fixamente.

Czupra, angustiada, viu-o dirigir-se ao Castelo e entrar nele sem a menor das hesitações.

O barão cigano

Sandor caminhava guiado pela canção, pela voz fresca da pequena Saffi. Quando a encontrou a linda cigana estava muito ocupada a puxar o lustro ao chão duma grande sala.

— Olha que ninguém aqui deve vir — ralhou-me com doçura... Vês como temos o castelo pronto, para o barão se instalar, quando vier outra vez?!... Foi sempre tão bom para a nossa tribo, que tudo quanto lhe fizermos será pouco. Estou certa de que, qualquer dia, apela-se aí à porta, duma berlinda doirada, puxada por seis parelhas...

— Talvez ele não seja assim rico, suspirou Sandor. Pode ser que o filho do barão apareça aí, vestido como um pobre...

Saffi abriu os seus grandes olhos, não ousando adivinhar. Mas a porta abriu-se e Czupra saudou Sandor, chamando-lhe «Senhor». Há vinte e cinco anos que ela esperava êste dia. O coração dizia-lhe que não mentia.

Saffi, abismada, fêz uma linda reverência e fugiu.

Sandor, comovido pela recepção dos ciganos, pensava como recuperar os seus bens, sem arriscar a cabeça. Em primeiro lugar, era preciso expulsar Czupan dos seus domínios. E ante Saffi, monologou:

— Vejam lá o que são as mulheres! Basta que um homem tenha dinheiro. Custa a crer que essa Arsen se dê assim a um mercador de porcos.

— Como? — interrompeu Saffi. Ele é apenas o pai «ela»!

— Pai?!... Pai?!...

Oh, que alegria! Arsen era uma rapariga séria e não a cortezã que ele julgara ver. Estava louco de contentamento, tomado outra vez pela ideia que nascera no seu espírito — desde o primeiro olhar.

A cilada

E, nessa mesma tarde, foi, com os ciganos, fazer uma serenata a Czupan. Arsen mostrou-se «coquette» mas ressentida. Não esquecera a afronta, na festa pública — e decidira vingar-se. Depois de ter animado Sandor disse-lhe que o esperava, nessa noite, no seu quarto. Lá tinha o seu plano. Trouxera Saffi para casa, e prevenira os convidados. E Sandor e Saffi foram surpreendidos pelos hóspedes de Czupan, na alcôva de amor...



— E as suas propriedades?
— São daquele homem, declarou Saffi, mostrando o que atropelara o seu carro, e que comia numa taberna próxima.

— O quê?... Dêsse bruto?...

— Sim, do senhor Czupan, o homem que possui 6.000 porcos, ou seja uma das maiores fortunas da região. Como os Barnikai se ausentaram, de certo, para toda a vida, instalou-se lá e trata de tudo, por sua conta.

A linda Arsen

Sandor cerrou os punhos. Decididamente, êsse homem alentado, barulhento e grosseirão, que se gabava, em público, de não saber ler nem escrever, era-lhe antipático. Olhava-o torivamente, quando o ruído duma galopada lhe fêz virar a cabeça. Uma lindíssima amazona, seguida de alguns cavaleiros, franqueou, com decisão, a porta do terceiro onde se encontravam e chamou, com altivez, um criado, para a ajudar a descer.

Sandor precipitou-se. Fêz com as suas mãos um degrau para ela descer. A desco-



O Cinema e a Música

(Conclusão da pág 6)

e o Teatro que esperar da inspiração e do incontestável valor de Afonso Correia Leite. É ele, que já encontrou, em Irene Isidro, a intérprete ideal dos seus modernos números de revista, há de encontrar ainda no Cinema, estamos disso certos, a artista que execute à sua maneira, que interprete, mais falando do que cantando, as suas melodias.

Ignoramos se Afonso Correia Leite, antes de se estrear, sofreu aquelas dificuldades que aparecem a quem se arroga o direito de trabalhar. Mas é natural que assim tenha sido, para não fugir à regra...

O compositor Afonso Correia Leite, — reparem que lhe não chamo maestro, para não o confundir com alguns senhores que assim se intitulam, por engano —, conseguiu que Lisboa inteira cantasse a *Marlène*, um número que, no dizer de muitos, não era popular...

Autêntico, definitivo, foi o seu triunfo. E tanto que, ainda hoje, quando ouvimos por aí traurear:

«*Marlène*
deitaste as saias ao ar...»

parece-nos ouvir:

«*Afonso*,
deitaste muitos ao ar —
E fizeste muito bem».

* * *

Há dias, em palestra com Afonso Correia Leite, resolvemos completar, com algumas perguntas, este ligeiro artigo.

— Em que peça se estreou?

— Na revista «*Pernas ao léu*». O público e a crítica acolheram o meu trabalho com uma simpatia que nunca esquecerei.

Nessa peça, a música que mais sucesso obteve foi *Marlène*, a estafada *Marlène*, uma americanice que Lisboa cantou e que hoje certamente «assobia». Acuso inteira responsabilidade deste êxito à artista Irene Isidro que tão bem a soube valorizar.

— Qual o seu número que mais lhe agrada?

— Uma canção que ainda não foi apresentada ao público, intitulada: «*Coração nunca te des!*»

— Uma pergunta que nos interessa: Prefere trabalhar para o teatro ou para o cinema?

— Gosto de trabalhar para ambos se bem que a qualidade e forma de trabalho sejam totalmente diferentes.

Hoje em dia, vai-se tornando cada vez mais difícil musicar o nosso teatro de revista. O gosto do público evoluiu muito, as melodias populares estão esgotadas, exploradas e repetidas, os números de fantasia vêm encontrar um público «blasé» das estupendas realizações coreográficas e deslumbrantes montagens de tantos e tantos filmes, de forma que o problema apresenta-se e assenta sobre duas palavras mágicas: *Fazer rir*; e o recurso ainda está na «bela laracha» ou numa «charge» oportuna. O comentário musical, neste caso, tem forçosamente de ter um carácter cómico, qualquer coisa que faça rir.

Ora, meu amigo, conseguir «musicalmente» arrancar as lágrimas dum público sentimental, ainda é possível; agora, fazê-lo rir...

No cinema os recursos são maiores e o campo mais vasto para o compositor: todavia, um grande contra tem prejudicado muito o seu trabalho: a qualidade de som. Todos os filmes portugueses têm tido até hoje melhor ou pior fotografia, boa ou má interpretação dos artistas, acertada ou desacertada realização; no entanto, em todos, a qualidade de som tem deixado muito a desejar e não pense que essa deficiência deva ser atribuída à inexperiência do engenheiro de som cujas tentativas progressivas de aperfeiçoamento é de toda a justiça salientar. Mas, as tomadas precipitadas de som, material por vezes deficiente, restrição de despesas e mais alguns factores é que têm prejudicado e contribuído grandemente para este estado de coisas.

— Está a trabalhar para o filme *BOCAGE*, não é verdade?

— É certo.
— E tem a seu cargo toda a música do filme?

— Não sei se serei sósinho a compôr a partitura deste filme. No entanto, entendo que dum modo geral, deverá existir apenas em cada filme um compositor e um director musical, nunca mais de 2 ou 3 canções principais, de recorte original e ao mesmo tempo fácil, que atravessarem e acompanhem, constantemente, as diversas situações do filme numa insistência imperceptível ao público.

umas que o obriguem, no entanto, instintivamente, a reter os principais motivos dessas canções e a cantá-los. Está nisso o segredo do êxito musical do «*Congresso que dança*» e de tantos outros filmes.

Considero a música dum filme o principal assistente do seu realizador.

— Que ideia faz de *Bocage*.

— Penso que será um dos melhores trabalhos de Leitão de Barros e por enquanto limito-me a ficar por aqui...

— É verdade que vai iniciar com Armando

Rodrigues uma série de audições nos estúdios da Emissora Nacional?

— É verdade. Todas as quartas-feiras executaremos dentro do programa de «music-hall» alguns números que, espero, mereçam o agrado dos rádio-ouvintes, sobretudo pela colaboração de Armando Rodrigues, artista que Lisboa tanto admira.

* * *

Despedimo-nos de Afonso Correia Leite com uma confiança ilimitada no seu futuro artístico.

É que se trata duma pessoa que, além das suas excepcionais qualidades, está dotada duma vontade de triunfar que falta a muitos, e que tão necessária é para se conseguir um objectivo.

ANIBAL NAZARE

América, Nova-York, Hollywood...

(Conclusão da pág. 4)

das, ou — caso prefiram por uma questão de sonância — pouco vestidos.

Logo a seguir entrou outro grupo que, com os seus vestuários, fazia realçar a nudez do primeiro.

O número acabou. Desapareceram, para logo surgir ao som das palmas a *chefe* do grupo; veio mesmo à boca do palco e, num gesto de pudor, cruzou os braços sobre o minúsculo *soutien-gorge*, donde os pujantes seios, numa ânsia de liberdade mal contida, ameaçavam surgir tentadoramente desde o começo do bailado.

Agora há mais luz na sala. Os meus olhos são seduzidos por um letreiro do fundo: «*For men, only*» — só para homens. É necessário tirar um bilhete. Entramos num compartimento, minúsculo, propositadamente pouco iluminado. Passados curtos momentos, surge um grupo de raparigas. Executam uma dança em que a música, dolente, é acompanhada por provocante gingar de ancas, requebros sensuais e gemidos lascivos. Mal se retiram da sala, uma voz convida-nos a comprar novo bilhete para assistirmos a um espectáculo seleccionado. Fomos. A nova sala é semelhante à anterior. Um grupo vem dançar. É o mesmo! Suprimiram a sala; unicamente calção de seda vermelha e *soutien-gorge* com placas douradas que originam reflexos provocantes: os cabelos, soltos, caem-lhes sobre os ombros. Descalças, dançam lentamente uma música sorna. Novamente saem, e novamente a mesma voz, com uma audácia incrível, entusiasma-nos a pagar novo bilhete suplementar. Invoca mil razões. «É um espectáculo que a casa pode excepcionalmente oferecer em virtude da hora adiantada da noite atenuar o perigo da policia. É um espectáculo formidável. A empresa dedica-o aos ávidos de sensações de arte». E com todo este palafório, lá fomos. A temperatura da nova sala é bastante elevada. Um grupo de mulheres vem dançar. O calção foi substituído por um *cache-sexe* cor de carne, minúsculo, incrível. O *soutien* é em rede larga... A música não é dolente, mas sim violenta, nervosa; os corpos dessas mulheres movem-se numa dança estranha; cada vez passam mais perto de nós, ameaçam abraçar-nos, e cada vez passam mais próximas; somos envolvidos na dança, embora estejamos imóveis, a vê-las desfilar; reaceamos que nos toquem, e inesperadamente a música vibra mais forte, mais rápida, e esses corpos esculturais passam, durante instantes, rente aos nossos, exagerando o atrito; ficamos eletrizados ao sentir o calor dessas mulheres... que já desapareceram.

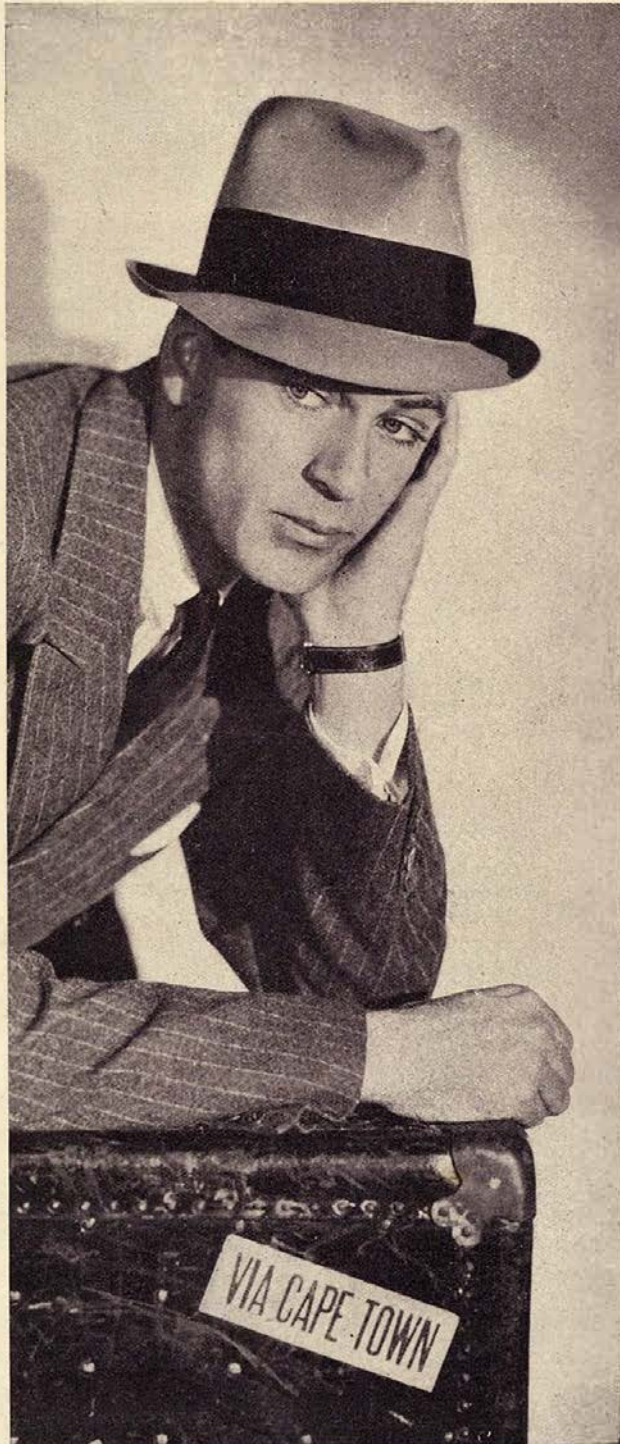
Sentimos uma necessidade urgente de ar fresco.

Main Street tinha menos luz... embora ainda tivesse luz de mais para os nossos olhos.

Os meus nervos exigiam-me repouso, silêncio.

Adaptação de

TELMO FELGUEIRAS



Gary Cooper, o famoso galã, que tantas simpatias conta no nosso público, e cujo nome, na crónica amorosa de Hollywood, anda ultimamente muito ligado ao de *Marlène*

NOTÍCIAS DE TODA A PARTE...

Questão de tempo

COMO se sabe, Ana Sten e Gary Cooper interpretaram, lado a lado, um filme, *Noite de Núpcias*, que, segundo parece, vamos ver esta época.

Ora o filme em questão inclui, como o título deixa prever, cenas de amor, de certa intensidade.

Por um acaso, ou por motivos de conveniência, as tomadas de vistas das referidas cenas deviam ser as primeiras a efectuar-se. Mas logo que informaram do facto Ana Sten, a linda estrelinha protestou com toda a alma...

«Não, não podia de forma alguma — justificava ela — deixar-se beijar por um homem que mal conhecia. Mais tarde... talvez; mas era preciso dar tempo ao tempo...»

A princípio, muito embora se soubesse que os dois artistas mal se conheciam, todos julgaram que Ana Sten se pretendia divertir. Mas depressa se convenceram todos de que a famosa vedeta eslava era sincera e a sua resolução — inabalável.

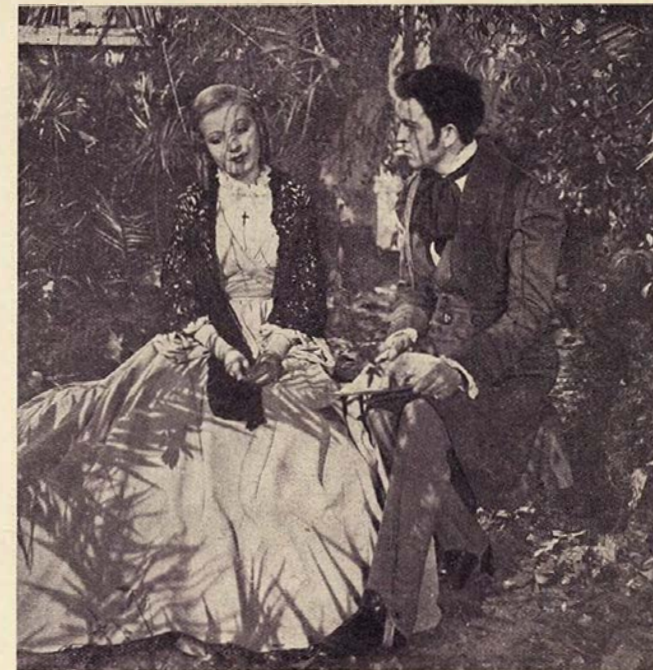
Tomaram-se, pois, as disposições precisas para remediar o facto: adiam-se as cenas de amor!

Semanas, depois, quando elas se filmaram, os circunstâncias notaram com espanto que Ana Sten estava perfeitamente à vontade e até que beijava Gary com um entusiasmo suspeito.

Estas eslavas...

Lilian Harvey no seu novo filme

Depois que regressou à Alemanha, Lilian foi contratada pela Ufa para o seu próximo filme *Rosas Negras*, no qual a popular artista tem um papel dramático e coreográfico a desempenhar. A acção desenrola-se na Finlândia, em princípios do século XX, na época em que a mocidade finlandesa se revoltava contra a tirania dos russos. Por esse tempo, vivia na Finlândia a grande dançarina Marina Feodorovna, que o governador russo protegia e amava. Uma noite, em que Marina dava uma festa no seu palacete, um jovem finlandês, que fugia à perseguição dos cossacos, saltou pela varanda do palacete, entrou no camarim de Marina, que, entretanto, dançava na sala entre ruidosas aclamações dos seus convidados. A orquestra toca o *Salut d'amour* de Elgar, essa melodia terna que aos ouvidos de Marina sôa como um presentimento. Dirige-se aos seus aposentos, onde vai encontrar o finlandês, arquejante e ferido...



Martha Eggerth e Phillip Holmes, nesta linda cena de «Casta Diva», evocam-nos todo o romantismo duma época, num cenário de sonho, propício aos seus amores

O Barão Cigano

(Conclusão da pág. 13)

enforçar! Eu caso-me com êle e nobre, rico — e não é feio!...

— Melhor ainda! És uma inteligência, minha filha. Assim, fica tudo na família... Não me tinha lembrado disso.

E, seguro da vitória, Czupan foi propor ao noivo, a solução que satisfazia às duas partes:

— A minha filha está loucamente apaixonada por si... É verdade! Juro-lhe! Case depressa com ela, senão...

E, por mimica, evocava uma força, a corda e o condenado a baloiçar no espaço.

Saffi desanima

Sandor ouvia-o revoltado. Arsena era apenas uma boneca vaidosa — e desprezava-a. Ontem, supunha-o um cigano e desdenhava-o. Hoje sabia-o rico, e mostrava-se apaixonada.

E inútil negar a vossa identidade. Saffi disse tudo, afirmava Czupan. Dentro de oito dias desposarás Arsena — e só nós ficaremos senhores do segredo.

Sandor agüesceu com um estranho sorriso. Em oito dias, o seu fiel Pali, o esposo de Czupa, teria tempo de chegar a Viena, e de levar à Imperatriz a prova de que os Barnikai haviam combatido contra os turcos

Governador, que chegara imprevistamente, não note a presença do jovem finlandês, que ela apresentou como se fora o seu pianista. Nos solitários, vêm-se as rosas negras do governador, que agora se dirige ao finlandês, convidando-o a acompanhá-lo. O jovem proscrito compreende que o governador o reconheceu e que esse pedido equivale a uma ordem de prisão.

No mesmo dia, Marina vai dançar, com a alma imersa em desespero, no palco da ópera. Na plateia brilham as condecorações dos oficiais, e, no camarote, os olhos inclementes do governador. Marina dança divinamente o *Balado das Horas*, da Gioconda, e as ovações do seu público parece não terem fim. Marina volta a dançar. Desta vez, é a *Valsa triste* e enquanto os seus pés

deslizam pelo palco, os seus olhos prôcuram, com uma expressão de terror, o camarote do tirano. Nunca dançou com tanto arrebatamento... Mas, de súbito, o seu corpo estremece e cai no palco, aniquilada pelo sofrimento.

São cenas de grande intensidade dramática que Lillian sabe interpretar maravilhosamente. Cada gesto, cada sorriso, cada inclinação da sua cabeça loura, é Música e é Dança.

O êxito do «Cine-Jornal»

Aleçou o mais lisonjeiro dos êxitos o primeiro numero de *Cine-Jornal*. Apesar-da tiragem ter sido considerável, e de haver ultrapassado a média das revistas semanais portuguesas, o 1.º numero de «Cine-Jornal» esgotou-se rapidamente, quer na venda da rua quer nas tabacarias.

Tôdas as pessoas foram unânimes em concordar que representa um êxito, quer pela sua apresentação, quer pelos seus colaboradores — e que Portugal, finalmente, tem uma revista cinematográfica, moderna, civilizada, e com um interesse insofismável, no seu texto e nas suas gravuras.

As reportagens sobre *Bocage* (uma revelação completa), o artigo sobre o novo filme da London *A Vida Futura*, as páginas literárias, o argumento romancado, o aspecto gráfico da revista foram objectos dos maiores êncômios.

Cine-Jornal garante aos seus leitores que manterá os restantes números no mesmo nível de categoria e de interesse e procurará, dia a dia, melhorar a revista, sob todos os aspectos.

Por lápis, os primeiros números postos à venda, não foram cortados, nem cosidos. Lapsos admissíveis, se tivermos em liuha de conta que se trata dum primeiro numero.

Carlos Moreira

Carlos Moreira, prestigioso chefe de redacção da revista *Cinema*, que o nosso querido amigo Alberto Armando Pereira dirige, com tanto brilho, é o representante e o correspondente de *Cine-Jornal* no Porto.

Não podia estar mais bem entregue esse cargo e Carlos Moreira vai demonstrar o facto, nas crónicas cintilantes que publicará, tôdas as semanas, na nossa revista, e em que focará o movimento cinematográfico da Cidade Invicta, nos seus mais interessantes e variados aspectos.

— Louquinha! Julgavas então que um marchante de porcos era capaz de me obrigar a casar com uma filha de quem eu não gostava. Há só uma mulher digna de Sandor, o proscrito... E essa sabes tu quem é!

E caíram os dois no fundo da carripana, que os levava à mais imprevista das viagens de núpcias. Caiu a noite. Sandor prendeu o cavalo a uma árvore.

Uma cabana de colmo, deserta, perdida no campo, serviu de palácio à sua primeira noite de amor.

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Editora Lda (em organização)

Redacção e Administração: T. da Condeixa do Rio, 27

Telefone 2 146 e 2 1227

Comp., Imprensa e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda

Trav. da Condeixa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

32 número: 1 ano 48000
25 6 meses 24000
12 3 meses 12000

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 65000

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 2 — 28 DE OUTUBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



☆
Katharine Hepburn
na
R.H.C.
☆

Neste número: A HISTÓRIA DA MINHA VIDA, por SHIRLEY TEMPLE